

EDUCAÇÃO

Luta contra o abandono escolar na pandemia

Além dos danos diretos causados aos jovens que interromperam os estudos durante a crise sanitária, o mercado de trabalho costuma rejeitar a mão de obra daqueles que não concluíram o ensino médio

» EDIS HENRIQUE PERES

A crise sanitária do novo coronavírus dificultou o acesso ao ensino dos estudantes do Distrito Federal. Alguns alunos não tiveram como continuar os estudos devido a problemas como falta de acesso à tecnologia e internet ou pela necessidade de se tornarem provedores da renda familiar de suas casas. Com isso, o abandono escolar se fez presente nas unidades de ensino, e professores se mobilizaram na tentativa de resgatar os alunos de volta para as escolas. Além dos danos imediatos de perda educacional, especialistas avaliam que a falta de formação pode resultar em aumento do desemprego nos próximos anos.

Ivan Gontijo, coordenador de políticas educacionais do Todos Pela Educação, explica que no cenário de pré-pandemia o Brasil estava melhorando os índices de abandono escolar. “A pandemia trouxe novos problemas, principalmente porque o contato com o professor não era tão direto, e era difícil monitorar se o aluno estava faltando. Além disso, o ensino remoto não chegou para todo mundo. Soma-se a isso o cenário de crise econômica, pois os estudantes tiveram que largar a escola e buscar o mercado de trabalho informal, em uma tentativa de ajudar em casa”, avalia.

Para o coordenador, o caminho é uma busca ativa das escolas pelos alunos que abandonaram o ensino. “É preciso ocorrer articulação com a assistência social, o conselho tutelar e entender porque o aluno não está voltando às aulas. Vale lembrar que a evasão afeta toda a sociedade. Ela é o fantasma da educação, pois representa o pior cenário. É preferível um aluno com dificuldades na escola, do que totalmente fora dela. Sem falar que a escolaridade tem uma relação muito forte com a renda: quanto menos escolaridade, mais difícil é adentrar no mercado formal de trabalho e mais impactos da violência e criminalidade essa pessoa pode sofrer”, destaca Ivan.

A Secretária de Educação disse que as escolas realizam busca ativa “por meio de contato com os pais ou responsáveis”. “Por isso, é muito importante que mantenham os dados de contato sempre atualizados na escola. Mudou de endereço, telefone, e-mail, WhatsApp: avisa a escola”, orienta a pasta.

Segundo a secretária de Educação Hélivia Paranaçu, a pasta ainda está fazendo o levantamento, mas alguns dados já apontam a desistência, principalmente de crianças em situação de vulnerabilidade social. “Há muitos meninos do ensino médio que foram trabalhar porque o pai ficou desempregado. Alguns que recebiam o bolsa família e outros programas sociais não retornaram à escola e vamos fazer uma busca ativa para trazê-los de volta. Antes, a presença escolar era fundamental para o recebimento do benefício, como nesse período não houve essa exigência, eles evadiram e abandonaram a escola”, disse, em entrevista ao *CB.Poder* — programa do *Correio* em parceria com a TV Brasília — no último dia 3.

Busca ativa

Quem enfrentou o desafio de encontrar os alunos foi o Centro de Ensino Médio (CEM) 03 do Gama. Rosilene Nóbrega, diretora da unidade de ensino, conta

Minervino Júnior/CB



O Centro de Ensino Médio (CEM) 03 do Gama sofreu o impacto de cerca de 35% de abandono entre os estudantes no início da pandemia

Minervino Júnior/CB



Maurénice dos Santos e Rosilene Nóbrega, da equipe do CEM 3, trouxeram os alunos Vinicius e Marcos

que a escola possui 1.315 alunos matriculados, e que no começo da pandemia sofreu o impacto de cerca de 35% de abandono entre os estudantes. “Esse período foi complicado porque os nossos alunos ficaram desmotivados, outros não tinham acesso à internet ou celular, além daqueles que tiveram que trabalhar para ajudar os pais. A escola montou uma força-tarefa para ir atrás deles. Ligamos nos contatos, mas a maioria estava desatualizada. Então, começamos a ir diretamente nos endereços, mas como muitos pais moravam de aluguel e tinham perdido o emprego, vários tinham se mudado”, relata.

Apesar das dificuldades, a escola conseguiu trazer de volta grande parte dos estudantes. “De setembro de 2020 até o fim do ano, reduzimos o abandono de 35% para 23%. Este ano, continuamos o nosso trabalho e diminuímos o índice para 12%. Continuamos o nosso papel para mostrar ao aluno que ele deve voltar à escola. Para isso, buscamos dar condições para que esse retorno aconteça. Durante o ensino remoto, por exemplo, fizemos campanhas para arrecadar celulares usados e entregar os aparelhos para os estudantes que não tinham. O nosso foco é não perder nenhum aluno, e nosso esforço valeu a pena, porque 14 alunos

nossos conseguiram ingressar na UnB (Universidade de Brasília) pelo PAS (Programa de Avaliação Seriado)”, conta.

Retorno

Vinicius Alves Soares, 17 anos, morador do Gama e estudante do terceiro ano do ensino médio, foi um dos estudantes do CEM 3 que buscou orientação na escola para retornar aos estudos. Em 2020, mesmo com a pandemia, Vinicius revela que participou bastante das aulas. “Cheguei a trabalhar em 2020, mas participei do ensino remoto”, relata. A dificuldade veio em 2021, quando Vinicius começou a trabalhar o dia inteiro. “Trabalhei como ajudante de serragem, e era o dia todo no serviço. Por isso foi difícil conciliar os estudos. Antes de voltar (a estudar), eu cheguei a ir na escola para verificar se compensava eu tentar continuar os estudos”, detalha.

“A escola me falou que eu ainda conseguiria me formar se me esforçasse bastante, entregasse as atividades e não faltasse mais. Acabei saindo do emprego para conseguir me dedicar. Ainda não sei o que quero estudar na faculdade, mas venho tentando ser jogador de futebol. Ainda assim, quero terminar os estudos para garantir a faculdade depois”, pondera.

Marcos Paulo Lima, 18 anos, também morador do Gama, é outro estudante que passou por dificuldades para conciliar emprego e estudo. “Comecei a trabalhar em 2019, e o principal motivo era pela renda familiar. Fui por muito tempo a principal renda familiar lá em casa. A pandemia também fez com que a gente corresse atrás de outras formas de sobreviver, e isso tomava tempo. Quando estava remoto, ainda conseguia fazer uma atividade ou outra, mas nas aulas presenciais, eu parei de frequentar”, narra.

O estudante do terceiro ano do ensino médio explica: “não foi algo que eu decidi, simplesmente chegava o horário da escola e eu não conseguia ir, porque tinha que entrar mais cedo no serviço ou tinha chegado muito tarde em casa, estava muito cansado. E o horário não dava para conciliar. Mas agora eu estou buscando voltar, e a escola vem tentando ajudar”.

Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), Catarina Almeida Santos destaca que falta amparo do Estado para os estudantes. “Muitos estão abandonando a escola para buscar uma forma de sobrevivência. O Estado precisa fornecer condições para que o aluno permaneça na escola sem passar fome. Não é que o aluno queira deixar os estudos, mas ele não tem

opção. Foram vários os relatos de estudantes de 14 anos deixando a escola para ir trabalhar na construção civil, o que é trabalho infantil. O que precisa ser feito é estabelecer políticas que garantam renda mínima para que eles não precisem escolher entre estudar ou se alimentar”, frisa.

Catarina também destaca o perigo da redução da idade mínima de trabalho. “A PEC (Proposta de Emenda à Constituição) 18 quer permitir que jovens de 14 anos comecem a trabalhar. Primeiro que já temos milhões de pessoas desempregadas, então não é necessário que jovens nessa faixa-etária assumam empregos, pois já temos mão de obra disponível. O foco deles trabalharem é porque são jovens e acabam recebendo menos e sendo explorados”, destaca.

Danos

A evasão escolar se reflete no mercado de trabalho. Simone Gontijo, professora do Instituto Federal de Brasília (IFB) e doutora em educação, avalia que o preço da “exclusão da juventude do contexto escolar é alto, e é pago por todo o país”. “Os pais tiveram perda de emprego ou diminuição do salário, e os jovens precisaram ocupar postos de trabalho. O aluno passa por essa necessidade urgente de sobrevivência; é praticamente uma exclusão do estudante do processo escolar. Ele não sai da escola por vontade própria e acaba indo para um trabalho desqualificado, que não tem os direitos legais do trabalhador garantido”, ressalta.

Matheus Silva de Paiva, economista e coordenador do curso de economia da Universidade Católica de Brasília (UCB), destaca que um dos maiores problemas do mercado de trabalho é a falta de qualificação. “Os empresários reclamam muito da falta de mão de obra qualificada. Eles até querem empregar, têm vontade de contratar, mas a pessoa não dura muito tempo, pois não dá conta do serviço. É terrível para os jovens abandonarem as escolas, porque vai na contramão do que os empresários estão precisando”, salienta.

Três perguntas para

THALES MENDES FERREIRA, SECRETÁRIO DE TRABALHO

Que tipo de iniciativa o Governo do DF adota para a qualificação profissional dos brasilienses?

Lançamos, em meados de junho, o programa *Renova DF*, que começou abrindo mil vagas. Em setembro, finalizamos a primeira etapa, e dos mil alunos que participaram do curso, 800 concluíram e foram certificados. Abrimos uma nova etapa com mais mil alunos, que concluíram a formação em dezembro. A terceira etapa do *Renova* já foi lançada no Itapoã, com 250 vagas para a região administrativa, 250 para a Estrutural e 250 para o Riacho Fundo. Na última semana, lançamos mais 750 vagas no Guará e em Águas Claras, e abrimos um chamamento público para outros 1.500 alunos, que começam o curso em dezembro.

A expectativa é que o programa continue no próximo ano?

Entramos em dezembro com 4 mil alunos recuperando grande parte de todas as pracinhas do DF. O programa atua no desemprego, porque uma regra (para participar) é a pessoa estar desempregada. O aluno entra no curso e recebe o uniforme e o valor correspondente à passagem do mês. Quando atinge 80% de aproveitamento do mês, recebe uma bolsa com salário mínimo por ter participado. O curso chega a durar três meses, ou seja, são três meses em que as pessoas têm um salário. A expectativa é que a gente mantenha o programa durante todo o ano que vem, até porque é uma política pública de Estado, de inserção social, que independe de uma questão política. A iniciativa traz dignidade e expectativa de vida para as pessoas.

Em sua avaliação, o Renova-DF consegue resolver o problema de falta de oportunidade na qualificação do DF?

Com certeza. O que aproxima o cidadão desempregado à vaga de emprego é a experiência e a qualificação profissional. Com todo esse pacote de cursos de qualificação, o aluno terá mais oportunidade. A gente traz também a questão da respeitabilidade e da confiança, do empresário que está contratando pessoas, pois sabe da qualidade do curso do *Renova-DF*. Além de ajudar a construir a cidade, o aluno passa por um sentimento de pertencimento aos equipamentos que ele restaurou.